

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: TECENDO SABERES, RECONTANDO HISTÓRIAS

Afro-Brazilian Literature in the Classroom: Weaving Knowledge, Recounting Stories

Janaina Ramos de Lima Figueiredo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima/Campus Boa Vista- IFRR
Pós-Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino
janafigueiredo27@gmail.com

Marlucia Silva de Araújo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima/Campus Boa Vista-IFRR
marlucia.araujo@ifrr.edu.br

RESUMO

A literatura afro-brasileira, ao adentrar o espaço escolar, torna-se uma ferramenta pedagógica essencial para o enfrentamento do racismo estrutural e para a valorização da diversidade étnico-racial. Sua presença no currículo representa não apenas a inserção de novas vozes, mas também a possibilidade de reconfigurar imaginários e subjetividades historicamente marcados pelo olhar eurocentrado. Ao trazer à tona narrativas que foram silenciadas, essa produção literária contribui para a construção de uma educação antirracista e decolonial, capaz de reconhecer a centralidade das experiências negras na formação cultural brasileira. Este artigo analisa a contribuição da literatura afro-brasileira para o ambiente escolar, a partir das obras *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, e *Água de Barrela* (2016), de Eliane Alves Cruz. O estudo parte da questão: de que forma essas narrativas podem colaborar para a decolonialidade no espaço educativo? A metodologia utilizada é qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e em referências que discutem as relações étnico-raciais na educação, como Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Cuti, Aníbal Quijano e Bell Hooks. Os resultados apontam que a inserção da literatura afro-brasileira no currículo escolar ainda enfrenta resistências institucionais e epistemológicas, mas revela-se estratégica para a desconstrução de estereótipos, para a valorização da identidade negra e para o fortalecimento de práticas pedagógicas que dialogam com a pluralidade cultural. Dessa forma, compreende-se que a literatura afro-brasileira, quando efetivamente incorporada às práticas educativas, amplia os horizontes de formação crítica e possibilita experiências significativas de aprendizagem comprometidas com a justiça social.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura Afro-Brasileira. Autoras Negras. Decolonialidade. Identidade Negra.

ABSTRACT

Afro-Brazilian literature, when incorporated into the school environment, becomes a crucial pedagogical tool for confronting structural racism and valuing ethnic-racial diversity. Its presence in the curriculum represents not only the inclusion of new voices but also the reconfiguration of imaginaries and subjectivities historically shaped by Eurocentric perspectives. By bringing to light narratives that have long been silenced, this body of work contributes to the construction of an antiracist and decolonial education, capable of recognizing the centrality of Black experiences in Brazilian cultural formation. This article examines the contribution of Afro-Brazilian literature to the educational setting through the analysis of *Becos da Memória* (2006) by Conceição Evaristo, *Mata Doce* (2023) by Luciany Aparecida, and *Água de Barrela* (2016) by Eliane Alves Cruz. The study is guided by the question: how can these narratives foster decolonial practices within the school context? A qualitative methodology was adopted, grounded in bibliographic research and theoretical frameworks that address ethnic-racial relations in education, such as Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Cuti, Aníbal Quijano, and Bell Hooks. The findings suggest that the inclusion of Afro-Brazilian literature in school curricula still faces institutional and epistemological resistance, yet proves to be a powerful strategy for dismantling stereotypes, affirming Black identity, and reinforcing pedagogical practices that embrace cultural plurality. It is argued that Afro-Brazilian literature, when effectively integrated into educational practices, broadens the horizons of critical formation and enables meaningful learning experiences committed to social justice.

KEYWORDS:

Afro-Brazilian literature. Afro-Brazilian women writers. Decoloniality. Black Identity

1. INTRODUÇÃO

A presença da literatura afro-brasileira no contexto educacional é um caminho essencial para a valorização da diversidade étnico-racial e para o enfrentamento das estruturas coloniais ainda presentes no currículo escolar. Em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo estrutural, repensar as práticas pedagógicas e os conteúdos trabalhados em sala de aula torna-se um passo decisivo rumo à construção de uma educação antirracista e inclusiva. Como afirma Nilma Lino Gomes (2005), a escola é um espaço privilegiado para o debate e a valorização das identidades negras, sendo também um território de

disputas e resistências no qual se travam embates simbólicos sobre o que é reconhecido como saber legítimo.

A literatura afro-brasileira, ao trazer à tona narrativas historicamente silenciadas, cumpre um papel central nesse processo. Ela possibilita não apenas o reconhecimento de vozes negras na história e na cultura, mas também a construção de subjetividades que rompem com os estereótipos produzidos por uma visão eurocentrada do mundo. Como aponta Cuti (2000), a literatura negra brasileira é um instrumento de afirmação identitária e de reconstrução de imaginários, o que a torna uma ferramenta potente para a atuação pedagógica em favor da equidade racial.

No entanto, a presença dessa produção literária no espaço escolar ainda é limitada por resistências diversas — desde barreiras institucionais até a reprodução inconsciente de um currículo que historicamente marginaliza os saberes afrodescendentes. A estrutura curricular tradicional, fortemente influenciada por uma epistemologia branca e ocidental, tende a silenciar autores negros e negras, o que dificulta sua presença efetiva nas salas de aula. Como argumenta Kabengele Munanga (2004), é fundamental descolonizar o pensamento, promovendo uma revisão crítica dos conteúdos escolares e inserindo perspectivas negras como parte legítima do conhecimento.

Neste contexto, torna-se necessário investigar como a literatura afro-brasileira tem sido incorporada ao currículo escolar, bem como os desafios enfrentados por educadores e instituições para ampliar sua circulação. Além disso, é urgente compreender as resistências e disputas em torno da inserção de obras de autores negros e negras, considerando os fatores históricos, sociais e institucionais que ainda operam no cotidiano escolar. Ao mesmo tempo, é possível identificar práticas pedagógicas que, por meio da literatura, valorizam identidades negras e promovem experiências significativas de educação antirracista. Tais práticas apontam para caminhos possíveis de transformação, nos quais estratégias pedagógicas e políticas escolares fortalecem uma abordagem decolonial do ensino.

A partir da pergunta norteadora — *como a literatura afro-brasileira pode contribuir para a decolonialidade no ambiente escolar?* — este estudo propõe analisar o papel da literatura afro-brasileira no espaço escolar como instrumento de valorização da identidade negra no espaço escolar, buscando compreender de que modo essas narrativas podem contribuir para a construção de saberes plurais, críticos e inclusivos a partir das autoras e obras Conceição Evaristo (Becos da Memória, 2006), Luciany Aparecida (Mata Doce, 2023) e Eliane Alves Cruz (Água de Barrela, 2016). Para tanto, adota-se uma abordagem de natureza qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica, ancorada em autores e autoras que discutem as relações étnico-raciais na educação, o pensamento decolonial e a

importância da literatura como ferramenta de formação crítica. Entre os principais referenciais utilizados, destacam-se Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Cuti, Aníbal Quijano e Bell Hooks, cujas contribuições são fundamentais para pensar uma educação comprometida com a justiça social.

Ao evidenciar os múltiplos sentidos da inserção da literatura afro-brasileira no ensino básico, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento de um projeto educacional mais justo, plural e comprometido com a superação do racismo estrutural e das heranças coloniais ainda presentes nas práticas escolares.

2. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A CONSTRUÇÃO DE SABERES NA EDUCAÇÃO

A literatura afro-brasileira tem se consolidado, ao longo das últimas décadas, como um campo de produção estética, política e pedagógica que promove o resgate da memória, da identidade e da ancestralidade negra. Essa literatura, marcada pela denúncia do racismo e pela valorização da cultura afrodescendente, rompe com os cânones tradicionais da literatura brasileira, historicamente centrados em autores brancos e em narrativas eurocêntricas.

No contexto educacional, a literatura afro-brasileira adquire um papel estratégico ao oferecer às escolas materiais que possibilitam o reconhecimento das contribuições negras na formação da sociedade brasileira. Segundo Cuti (2000), a literatura negra é um instrumento de resistência e reexistência, pois permite a reconfiguração dos imaginários sociais e o fortalecimento das identidades negras. Assim, ela se apresenta como uma ferramenta pedagógica essencial para a promoção de uma educação antirracista e plural.

A Lei nº 10.639/2003, que alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), tornou obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. Essa medida legislativa fortaleceu a inserção da literatura afro-brasileira como conteúdo didático e como meio de enfrentamento às desigualdades raciais no ambiente escolar. Como observa Gomes (2005), o espaço escolar precisa ser tensionado a partir de uma pedagogia crítica e comprometida com a justiça racial, o que envolve a revisão de conteúdos e a valorização de autores e autoras negras.

De acordo com Djamila Ribeiro A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber. (Ribeiro, 2019, p. 24).

A literatura afrocentrada compreende produções textuais que apresentam protagonistas negros e que se dedicam à representação da subjetividade, da ancestralidade, da história e da cultura afrodescendente. Essas obras articulam narrativas que transitam pelo passado, presente e futuro dos povos africanos e da diáspora, reafirmando e valorizando sua identidade. A representatividade, expressa tanto nas ilustrações quanto na construção textual, configura-se como elemento pedagógico de relevância, na medida em que propicia a inserção de conteúdos culturais afrocentrados no espaço escolar, fortalece a autoestima de estudantes negros e promove reflexões críticas coerentes com uma visão de mundo pautada na centralidade da experiência negra.

Nesse contexto, a literatura assume o papel de agente de reflexão, transformação e fortalecimento identitário, especialmente para estudantes negros. Para que esse potencial se concretize, é imprescindível que os docentes atuem como mediadores e construtores desse processo formativo. Conforme assinala Assmann (2011, p. 9), a memória “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”, evidenciando que o diálogo entre temporalidades não apenas fortalece a compreensão histórica, mas também enriquece as práticas pedagógicas no ambiente escolar, permitindo a construção de saberes críticos e socialmente comprometidos.

Essa perspectiva encontra eco nas reflexões de Hooks (2013), ao defender que a educação deve ser um ato libertador, capaz de questionar e romper com estruturas opressoras, promovendo uma aprendizagem que valorize as experiências e identidades marginalizadas. Do mesmo modo, Freire (1996) ressalta que o processo educativo só se torna verdadeiramente transformador quando é problematizador e emancipador, criando condições para que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua própria história.

No caso da literatura afrocentrada, essa mediação docente torna-se ainda mais relevante, pois, como aponta Gomes (2017), a presença de narrativas negras no currículo escolar contribui para o combate ao racismo, fortalece a autoestima e estimula a valorização das múltiplas identidades culturais presentes na sala de aula. Assim, a prática pedagógica que incorpora a literatura afro-brasileira não apenas amplia repertórios, mas também favorece o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica, capaz de articular passado, presente e futuro a partir de uma ótica decolonial.

A linguagem negro-brasileira é tronco do núcleo maior da Linguagem Africana, e ela, diante de sua gênese oral, se materializa na palavra escrita, nos símbolos e nas ilustrações, amplamente sentida e vivenciada. A força, tão grande e manifesta, ora é a imagem que faz o texto, ora é o texto que faz a imagem, ora é o gingado que se faz textualidade. Por

fim, as palavras unem-se aos símbolos, às imagens ancestrais, ao mundo imagético, ao construir performances de poéticas de ancestralidade e de identidade; textos estes cheios de afeto e de amor, de organização, de manutenção da paz, da solidariedade, do encantamento, do protagonismo e do empoderamento, como veremos com as personagens e os personagens das narrativas em análise, na textualidade desses mitos, das mitologias banto-iorubá, das lendas e de textos diversos que completam e se completam na literatura de matriz africana voltada para crianças e jovens (Passos, 2024, p.136).

A linguagem negro-brasileira, conforme destaca Passos (2024), é parte integrante do vasto tronco das linguagens africanas, cujas raízes orais se manifestam de maneira intensa e rica na palavra escrita, nos símbolos e nas ilustrações que compõem sua expressão cultural. Essa força expressiva assume diversas formas — ora a imagem dá corpo ao texto, ora o texto configura a imagem, ora o ritmo e o movimento, o chamado gingado, se traduzem em textualidade viva. Essa união entre palavra, símbolo e imagem ancestral constrói performances poéticas que reafirmam a ancestralidade e a identidade, carregadas de afetividade, amor, solidariedade e empoderamento. Essa dinâmica é fundamental para a manutenção da paz e do protagonismo dentro das comunidades representadas. Nos textos de matriz africana voltados para crianças e jovens, essa linguagem plural e simbólica cria uma narrativa rica, que integra mitos, mitologias banto-iorubá e lendas, constituindo um universo cultural que se completa e se expande, oferecendo uma literatura profundamente enraizada em sua herança e que fortalece as identidades negras.

2.1 Narrativas que rompem com o silêncio: autoria negra e representatividade

Historicamente, a produção literária de autores negros e negras foi sistematicamente silenciada ou marginalizada no sistema literário brasileiro. Tal invisibilização reflete um processo mais amplo de exclusão social, cultural e política que atravessa a história do país. A emergência de vozes negras, como as de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lima Barreto, Elisa Lucinda, entre outras, configura-se como um importante movimento de resistência diante das práticas de apagamento e estigmatização presentes na narrativa histórica oficial.

A literatura negra recupera experiências e perspectivas que desafiam os estereótipos construídos a partir de uma lógica colonial e racista. Conforme

ressaltam Gomes (2017) e Munanga (2004), a literatura produzida por autores negros é fundamental para dar visibilidade a experiências historicamente invisibilizadas, promovendo uma reescritura da história que valoriza a ancestralidade, a cultura e as lutas do povo negro. Essa reescritura contribui para o desmonte dos discursos racistas e para a construção de uma identidade negra afirmativa.

Nesse contexto, Conceição Evaristo (2017) desenvolve o conceito de *escrevivência*, termo que designa uma forma de escrita que emerge diretamente das vivências cotidianas da população negra, especialmente das mulheres, articulando a denúncia da opressão com a afirmação identitária. Esse conceito dialoga com o pensamento de Bell Hooks (2013), que enfatiza a importância da representatividade e da voz negra na produção cultural como formas de empoderamento e resistência contra a marginalização.

A inserção dessas narrativas no currículo escolar possibilita que os estudantes tenham acesso a novas perspectivas e formas de compreender o mundo e a si mesmos, principalmente aqueles que se reconhecem nos sujeitos retratados. Segundo Quijano (2007), a valorização de saberes e narrativas periféricas no ambiente escolar é uma estratégia de enfrentamento da colonialidade do poder e do saber, rompendo com a lógica eurocêntrica que domina a educação formal. Assim, a representatividade literária torna-se um instrumento essencial para a construção da autoestima, da identidade étnico-racial e do pertencimento cultural dos estudantes.

Além disso, Lopes (2000) destaca que a literatura negro-brasileira possui uma poética própria que reflete as vivências da diáspora africana, articulando memórias coletivas, sofrimento, resistência e esperança. Essa poética contribui para que os sujeitos negros possam ressignificar suas experiências e consolidar uma narrativa que lhes confira protagonismo. A valorização dessas vozes no ambiente escolar não apenas fortalece a identidade dos estudantes negros, mas também sensibiliza a comunidade escolar para as questões raciais e culturais, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e crítico.

Destaca-se ainda a importância de se compreender a literatura afro-brasileira não só como um repertório de textos, mas como um campo político-cultural, que atua na construção de subjetividades e na resistência contra as múltiplas formas de racismo estrutural. Conforme reforça Gomes (2005), a escola, ao incorporar essa literatura, tem a possibilidade de transformar-se em um espaço de afirmação cultural e de luta contra as desigualdades, promovendo a construção de um projeto pedagógico alinhado com os princípios da equidade e da justiça social.

Dessa forma, a literatura afro-brasileira não é apenas um conteúdo a ser estudado, mas um espaço de interlocução política e cultural que estimula o debate

sobre desigualdades raciais e a necessidade de uma educação antirracista. Como enfatiza Freire (1996), a educação deve ser um processo libertador que possibilite a consciência crítica e a transformação social, metas que se tornam mais viáveis com a presença efetiva da literatura negra nos currículos escolares.

Em síntese, a incorporação das narrativas de autoria negra e a promoção da representatividade literária no ambiente escolar constituem práticas essenciais para a construção de uma educação decolonial, que valorize a diversidade cultural e combata as estruturas racistas presentes na sociedade brasileira. O reconhecimento dessas vozes, além de reparador, é fundamental para formar sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a justiça social.

3. METODOLOGIA

Este trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, conforme os pressupostos metodológicos indicados por Gil (2008), que define a pesquisa bibliográfica como aquela desenvolvida a partir de material já publicado, constituído principalmente por livros, artigos de periódicos, teses e dissertações. Trata-se, portanto, de um estudo que busca analisar as contribuições da literatura afro-brasileira e sua presença no contexto escolar, a partir de uma perspectiva decolonial.

A escolha por essa abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em compreender os significados, sentidos e implicações socioculturais relacionados à inserção da produção literária afrodescendente no ambiente educacional. Como afirma Minayo (2012), a pesquisa qualitativa permite apreender a complexidade dos fenômenos sociais e culturais, favorecendo a análise de elementos simbólicos, discursivos e históricos que permeiam a temática em estudo.

A investigação será conduzida a partir de uma seleção criteriosa de autores e obras que dialogam com os eixos centrais da pesquisa: literatura afro-brasileira, educação antirracista e pensamento decolonial. Serão utilizadas produções de intelectuais como Bell Hooks (2013), Cuti (2006), Conceição Evaristo (2005), Nilma Lino Gomes (2012), Kabengele Munanga (2005) e Walter Mignolo (2008), cujas reflexões contribuem para o entendimento das relações de poder, da colonialidade do saber e das estratégias de resistência cultural no espaço escolar.

O levantamento bibliográfico se realizará em bases acadêmicas, bibliotecas digitais e repositórios institucionais, priorizando publicações com reconhecida relevância na área da educação, estudos culturais, literatura afro-brasileira e teoria crítica pós-colonial. A análise do material coletado se baseará na leitura crítica e interpretativa dos textos, com o objetivo de identificar categorias teóricas e práticas pedagógicas que favoreçam a valorização das identidades negras e a construção de um currículo mais inclusivo e representativo.

Como procedimento de busca da pesquisa bibliográfica, serão realizadas pesquisas nos diretórios Google Acadêmico e Scielo, utilizando as seguintes palavras-chave: literatura afro-brasileira, sala de aula, decolonial, educação antirracista. A partir dos resultados dessa busca, será realizada leitura e análise do conteúdo, para utilização na composição do artigo, atendendo ao objetivo da pesquisa.

Dessa forma, a metodologia adotada visa fornecer subsídios teóricos e analíticos que sustentem a proposta de uma educação comprometida com a diversidade cultural, com a justiça social e com o enfrentamento das desigualdades raciais por meio da valorização da literatura afro-brasileira.

3 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

De acordo com Eduardo de Assis Duarte (2010) a literatura afro-brasileira pode ser compreendida como a produção literária elaborada por escritores negros e negras no Brasil, marcados pelo diálogo com temas que atravessam a identidade, a cultura, a resistência e as vivências da população negra. Essa vertente emerge das experiências históricas vinculadas à escravidão, às lutas por liberdade e reconhecimento de direitos, bem como das múltiplas interações culturais construídas ao longo do tempo. Como observa Duarte (2010), essa literatura se define não apenas pela cor da pele do autor, mas, sobretudo, pelo compromisso em tematizar a memória, a ancestralidade e as marcas da experiência negra na sociedade brasileira. Em sua dimensão representativa, ela dá visibilidade a vozes e trajetórias frequentemente silenciadas pela tradição literária hegemônica. Além disso, ao afirmar uma identidade cultural própria, contribui para o fortalecimento e a valorização da memória e da identidade afro-brasileira, evidenciando a riqueza e a diversidade de sua herança cultural.

Para Conceição Evaristo em seu artigo *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*:

Márcio Barbosa, tomando como referencial de negro escritor o poeta Cruz e Sousa, impõe e responde a questão: “Pode-se falar de uma literatura negra?” Tomamos o caso específico da poesia: Cruz e Sousa entra para a história da literatura, entra como um escritor que, por casualidade, era negro. O fato de ser negro nunca foi nos apresentado pela história como condição essencial e anterior à sua condição de escritor. A diferença é fundamental: a anterioridade da condição de escritor lhe determina um papel social diferente daquele que seria determinado pela anterioridade da condição de ser

negro. A anterioridade de ser um escritor (que por acaso era negro) lhe dá uma especificidade que tem a ver com o papel social dos demais escritores. A anterioridade da condição de ser negro (por acaso escritor) lhe daria uma especificidade que teria a ver com o papel social dos demais negros. O fato de ser escritor lhe garante uma universalidade em que as demais coisas lhe aparecem como qualidades adicionais (p. 04, 2010).

Dessa forma, ser um escritor negro implica reconhecer que sua trajetória literária não está dissociada das marcas históricas e políticas que atravessam sua coletividade. Mais do que uma condição biológica, essa identidade assume caráter ético e estético, vinculando-se a uma consciência crítica que transforma a experiência da opressão em matéria literária. Nesse sentido, a noção de literatura negra só se consolida a partir do momento em que o autor opta por inscrever em sua obra as demandas e os dilemas de seu grupo social, como enfatiza Duarte (2010), ao defender que a escrita se torna espaço de afirmação da memória, da resistência e da ancestralidade afro-brasileira.

O fato de ser negro lhe daria uma particularidade que o envolveria nas responsabilidades do presente político, na sua especificidade cultural enquanto oprimido. Esta diferença é, sobretudo, temporal e gerada por uma opção consciente. Uma opção que depende unicamente do escritor e seu direcionamento aos problemas do grupo social é que vai defini-la. Por isso a existência de uma literatura negra é posterior à existência de uma consciência negra (Barbosa, 1985, p. 50-51).

A autora Conceição Evaristo (2005) amplia a ideia de “escrita de si” ao desenvolver o conceito “*escrevivência*”. Ao transformar essa noção de escrita do em um modo de projeto estético-político. Nesse contexto, autoras e autores negros inscrevem suas experiências e perspectivas na literatura, onde afirmam a subjetividade e a historicidade do corpo-sujeito negro. A presença feminina é central para esse processo, uma vez que a *escrevivência* tem como fundamento a imagem da mãe negra, enraizada no imaginário social desde o período colonial. Ao retomar e ressignificar esse estereótipo, a escrita das mulheres negras busca romper com representações cristalizadas do passado, produzindo o que Benjamin (2020) denomina “imagens dialéticas”.

Nesse linha de pensamento, Grada Kilomba (2019), apoiando-se nos pressupostos teóricos de Bell Hooks, apresenta sua concepção de autoria negra a partir das categorias de sujeito e objeto. Para a autora, a escrita constitui um processo de afirmação daquele(a) que, no contexto da colonialidade, foi reduzido(a) à condição de objeto, transformando-se em sujeito. Kilomba

argumenta que escrever é não apenas um “ato político”, mas também um “ato de descolonização” do eu, no qual, pela articulação entre passado (marcado pelo sistema político-econômico colonial) e presente (atravessado pelo racismo cotidiano), o que antes era objeto abandona o “lugar de outridade” e “torna-se” sujeito. Esse “tornar-se”, segundo a autora, resulta da conjugação, possibilitada pela escrita, entre o gesto de resistir à categoria de “outra(o)” e o movimento de se reinventar (Kilomba, 2019, p. 28-29).

Segundo Evaristo (2010a), a literatura afro-brasileira se afirma como uma “estratégia de luta”, ao romper com a dicotomia eu/outro por meio de um processo de “des-outrização” no qual se desconstruem “geografias e narrativas que instituem poderes centrais” (Seligmann-Silva, 2019, p. 21). Pela força da linguagem, a escritora e o escritor negros apropriam-se de sua história e cultura, reinscrevendo-as a partir da vivência (Evaristo, 2010a). Nesse percurso, delinea-se uma biopolítica que questiona o lugar atribuído ao corpo negro, permitindo que a memória coletiva sirva de fundamento à resistência (Benjamin, 2020; Kilomba, 2019) e faça ecoar as vozes múltiplas de uma ancestralidade diaspórica. Assim, para além de um horizonte estético-hermenêutico, a escrita negra se consolida como prática política e histórica, revelando a potência da palavra enquanto lugar de resistência e reinvenção de subjetividades (Evaristo, 2010a).

3.1 Literatura Afro-Brasileira Feminina: Trajetórias e Biografias

3.1.1 Conceição Evaristo

Segundo o Literafro NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – da Faculdade de Letras da UFMG, Grupo literafro – Portal da literatura afro-brasileira, pesquisas em rede. A autora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Possui formação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica - PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto (Portal Literaafro, 2025).

Engajada nos movimentos voltados à valorização da cultura negra no Brasil, a autora iniciou sua produção literária em 1990, quando passou a publicar contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Reconhecida por sua versatilidade, transita com desenvoltura entre a poesia, a ficção e o ensaio, construindo uma

obra que tem conquistado crescente repercussão entre leitores e estudiosos. Sua produção ultrapassa fronteiras, com publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, e tem sido objeto de investigação acadêmica em universidades brasileiras e internacionais. Destaca-se, nesse contexto, a tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, publicada em 2004, que realiza um estudo comparativo entre a autora e a escritora norte-americana Alice Walker. Em 2003, a autora lançou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, em Belo Horizonte, consolidando-se como uma voz central na literatura afro-brasileira contemporânea. (Portal Literaafro, 2025).

Com uma narrativa marcada por cortes temporais e estrutura não-linear, em que passado e presente se entrelaçam, *Ponciá Vicêncio* foi bem recebida tanto pela crítica quanto pelo público. A obra passou a integrar listas de vestibulares de diversas universidades brasileiras e tem sido tema de artigos e dissertações acadêmicas. Em 2006, Conceição Evaristo lançou seu segundo romance, *Becos da memória*, no qual aborda, com o mesmo realismo poético do livro anterior, a realidade de uma comunidade favelada em processo de remoção. Novamente, o protagonismo da narrativa recai sobre uma personagem feminina, símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. Em 2007, a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês foi publicada nos Estados Unidos pela Host Publications, acompanhada de lançamentos e palestras da autora em diversas universidades norte-americanas. Até então restrita a antologias e à série *Cadernos Negros*, a poesia de Evaristo ganhou maior visibilidade em 2008 com a publicação de *Poemas de recordação e outros movimentos*. Nesse volume, a escritora mantém sua abordagem crítica à condição social dos afrodescendentes, mas inscreve suas reflexões em um lirismo sensível e terno, demonstrando um cuidado meticuloso com a linguagem poética (Portal, Literaafro, 2025).

3.1.2 Luciany Aparecida

De acordo com Literaafro NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – da Faculdade de Letras da UFMG, Grupo literaafro – Portal da literatura afro-brasileira, pesquisas em rede. Luciany Aparecida nasceu em 1982, no Vale do Rio Jiquiriçá, Bahia, e atualmente reside em Salvador. É professora, pesquisadora e escritora, atuando na produção de romances, contos, dramaturgias e poemas. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolve pesquisas em teoria literária e literatura contemporânea, com ênfase nas relações entre história, memória, ancestralidade, afro-diáspora, imigração, identidade nacional e performances. Sua tese de doutorado, dedicada ao estudo da obra *Modelos vivos* (2010), de Ricardo Aleixo, foi aprovada com distinção. (Portal, Literaafro, 2025).

Em 2023, Luciany Aparecida lançou o romance *Mata Doce* (Editora Alfaguara), acolhido com destaque pela crítica literária contemporânea. No ano de 2022, publicou *Macala* (Círculo de Poemas), obra composta por onze textos poéticos que estabelecem interlocução entre literatura e artes visuais, tomando como referência a fotografia *Mulher negra da Bahia* (1885), de Marc Ferrez. Em 2021, apresentou a peça *Joanna Mina*, resultado do edital Dramaturgias em Processo, do Teatro da Universidade de São Paulo (USP). Sob a assinatura estética de Ruth Ducaso, publicou *Florim* (2020) e *Contos ordinários de melancolia* (2017), ambos pela Paralelo 13S (Portal, Literaafro, 2025).

Participa também de antologias relevantes, entre as quais se destacam *Abrindo a boca, mostrando línguas* (Paralelo 13S, 2021), *Descuidosa de sua beleza* (Mondrongo, 2020) e *40 em quarentena* (Oficina Raquel, 2020). Parte de sua produção foi traduzida para o inglês, com publicações na *Asymptote Journal* (tradução de Elisa Wouk Almino, 2018), na *Monoa* (2019) e na *Jellyfish Review* (tradução de Sarah Rebecca Kersley, 2020). Além disso, um de seus contos integrou a coletânea turca *Trendeki Yabancı* (Can Publishing, 2021), em tradução de Özde Çakmak. (Portal, Literaafro, 2025).

3.1.3 Eliana Alves Cruz

Eliana Alves da Silva Cruz, em consonância com o Literaafro/NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade da Faculdade de Letras da UFMG e com o Portal Literaafro – Literatura Afro-Brasileira, integra pesquisas em rede. Jornalista de formação, nasceu em 1966, no Rio de Janeiro, onde atua como chefe do Departamento de Imprensa da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos e como vice-presidente do Comitê de Mídia da Federação Internacional de Natação (FINA). Nessa trajetória profissional, esteve presente em três edições dos Jogos Olímpicos, em vinte Campeonatos Mundiais e em inúmeros eventos nacionais ligados ao esporte aquático, além de ter visitado dezenas de países (Portal, Literaafro, 2025).

Como escritora, Eliana Alves da Silva Cruz vem se destacando no campo da ficção. Sua estreia ocorreu com o romance *Água de barrela*, fruto de cinco anos de pesquisa sobre a trajetória de sua família desde o período da escravidão. Em 2015, a obra conquistou o primeiro lugar no Prêmio Oliveira Silveira, promovido pela Fundação Cultural Palmares, sendo publicada no ano seguinte e, posteriormente, em nova edição pela Malê Editora. Segundo a antropóloga Ana Maria da Costa Souza, a força do romance reside na profundidade de seus personagens e na verossimilhança das situações narradas, que conferem densidade e vigor à história inspirada em três séculos de experiência de uma família negra no Brasil (Portal LiteraAfro, 2025).

Em 2020, a autora publicou seu terceiro romance, *Nada digo de ti que em ti não veja*, ambientado no século XVIII, em pleno ciclo do ouro nas Minas Gerais, período marcado pela hegemonia da Igreja Católica, pela Inquisição e por seus tribunais. A narrativa recupera ainda episódios de perseguições e cartas forjadas, carregadas de ofensas e mentiras, apresentadas como precursoras das atuais fake news (Portal LiteraAfro, 2025).

Já em *Solitária* (2022), Cruz volta-se para a contemporaneidade, explorando a condição da mulher negra no trabalho doméstico, em continuidade às antigas mucamas do período escravista. O romance se distingue pela multiplicidade de focos narrativos e dialoga diretamente com *O crime do cais do Valongo*, sobretudo no que se refere à construção de uma narrativa de mistério em torno da morte de um dos personagens centrais (Portal LiteraAfro, 2025).

3.2 Corpo, Território e Memória em *Becos da Memória*, *Mata Doce* e *Água de Barrela*

3.2.1. Becos da Memória

No romance *Becos da Memória* (2018), conforme Xavier (2018) a figura de Maria-Nova, protagonista e narradora, emerge como voz que instiga leitoras e leitores a refletirem sobre experiências atravessadas pela exclusão social. Ao registrar suas memórias, a personagem transforma vivências pessoais em testemunho coletivo, revelando as marcas da violência, da miséria e da desigualdade que caracterizam a vida nas periferias brasileiras. Essa escrita, ao mesmo tempo íntima e política, permite não apenas o reconhecimento das particularidades de um grupo social historicamente marginalizado, mas também evidencia como a literatura, assume uma função estética que articula memória, denúncia e resistência.

Nesse panorama literário, emergem narrativas marcadas por intensa dramaticidade, nas quais a autora projeta para a ficção a experiência da angústia e da apreensão presentes no cotidiano de sujeitos expostos, de forma recorrente, às múltiplas faces da violência. O cenário retratado se constitui por barracos, delegacias e becos, espaços que evidenciam a precariedade das condições de vida e revelam personagens historicamente marginalizados, como homens e mulheres negros, pobres, humilhados e ofendidos. “Nessa perspectiva, a memória aparece como parte central do romance, abordada, inclusive, no próprio título, *Becos da Memória*, em uma possível referência aos becos que compõem a estrutura física da favela e ao emaranhado de lembranças que se acomodam na mente humana”(Almeida e Andreatti, 2020, p.231).

Ao dar voz a esses personagens, se rompe com a lógica de apagamento social e cultural que historicamente lhes foi imposta. A narradora, ao assumir a palavra, transforma-se em sujeito da enunciação e inaugura um gesto de deslocamento: da invisibilidade para a afirmação, da marginalização para o empoderamento, evidenciando a potência política e estética de sua escrita (Xavier, 2018).

Para Xavier (2018) a noção de “escrevivência” encontram-se particularidades relativas ao corpo, à condição e à experiência humanas. Nesse sentido, é uma escrita que parte do contexto do negro (da mulher negra), permeada por questões de gênero, raça e classe social. Em relação “a narrativa de Becos da memória, conforme a própria autora admite no prefácio da obra, é uma reunião de ficção e relatos oriundos de um passado herdado de narrativas familiares, que ela incorporou às suas próprias lembranças” (Almeida e Andreatti, 2020, p.231) logo, ficcionaliza as memórias, ou seja, estas “vivências”, particularizando a sua obra, contemplando discursos entendidos, ao longo da história, como ilegítimos e marginais, por estarem inseridos em uma classe e em um espaço relegados à obediência e à submissão.

3.2.2 Mata Doce

O romance *Mata Doce*, de Luciany Aparecida, ambienta-se no sertão baiano e acompanha a trajetória de Maria Teresa e de um vilarejo rural atravessado pela violência, pela opressão patriarcal e pela disputa por direitos fundamentais, como a demarcação de terras e o acesso à água. A narrativa ressalta a luta das mulheres por autonomia em um contexto de desigualdades estruturais, recuperando a ancestralidade e a identidade como instrumentos de resistência e reexistência.

Nesse sentido, o título do romance, *Mata Doce*, em sua multiplicidade de significados, traz a sensação de força, violência, imbrincada à ideia de doçura. Para além disso, a mata também representa a natureza, que transmuta tanto o mistério, a força que vem de saberes ancestrais que ligam essas mulheres, como também a questão agrária já conhecida no Brasil. Uma ferida que aproxima os povos afrodescendentes e indígenas em torno das disputas de terra com as grandes oligarquias do país. *Mata Doce*, na verdade, é o lugar em que uma família de mulheres procura resistir aos desmandos do coronel Gerônimo Amâncio (Teotônio, 2024, p.01).

Para esta perspectiva, a obra dialoga com as reflexões de Lélia Gonzalez (1988), que aponta como a experiência das mulheres negras no Brasil é atravessada pela articulação entre racismo e sexismo, mas também pela força de práticas comunitárias que garantem sobrevivência e continuidade. Como afirma a autora: “A cultura negra é, sobretudo, uma cultura de resistência. E as mulheres têm sido suas principais guardiãs, transmitindo saberes e práticas que asseguram a vida” (Gonzalez, 1988, p. 69). Assim, o romance evidencia a potência feminina diante de uma sociedade machista, apresentando mulheres que, ao mesmo tempo em que enfrentam a exclusão, constroem respeito, reivindicam seus territórios e reafirmam a centralidade de suas existências na manutenção e transformação de suas comunidades.

O romance *Mata Doce*, de Luciany Aparecida, pode ser lido em diálogo com o contexto de transformações sociais que marcam o ano de 1968, momento de intensificação das lutas feministas, antirracistas e de mobilizações por direitos civis em várias partes do mundo. No Brasil, como apontam Marcelo Ridenti (2010) e Maria Paula Araújo (2008), as movimentações desse período foram atravessadas pela tensão entre a repressão da ditadura militar e a emergência de novos sujeitos políticos que reivindicavam igualdade, liberdade e justiça social.

As demandas de contestação ao patriarcado, ao racismo e às desigualdades de classe encontram ressonância no enredo de *Mata Doce*, em que Maria Teresa e as mulheres do sertão baiano lutam por autonomia, especialmente em torno da posse da terra e do acesso à água. Nesse sentido, ainda que situado em um espaço rural e periférico, o romance evoca a mesma energia transformadora que caracterizou as mobilizações de 1968, revelando como a resistência feminina e comunitária se inscreve em processos históricos mais amplos de enfrentamento às estruturas de dominação.

7.1 Água de Barrela

O romance *Água de Barrela* marca a estreia literária da escritora Eliana Alves Cruz e constitui uma obra de grande relevância no cenário da literatura afro-brasileira contemporânea. Publicado em 2016, o livro ganhou visibilidade após conquistar o primeiro lugar no I Prêmio Oliveira Silveira, promovido pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em parceria com o Ministério da Cultura (MINC), em 2015. Vale destacar que esse reconhecimento ocorreu em um momento de transição política no Brasil, pouco antes do golpe parlamentar que culminou na retirada da presidenta Dilma Rousseff, do cargo, no ano seguinte. Esse contexto evidencia a importância simbólica e histórica da premiação e da publicação da obra.

O romance de Cruz foi publicado em 2016, já na gestão

de Erivaldo Oliveira da Silva, nomeado para a Fundação Palmares por Michel Temer. Mesmo sendo membro de um governo ilegítimo, ainda se podia ler na apresentação de Oliveira da Silva para a coleção de romances premiados (cinco, ao todo) que “a Fundação Cultural Palmares possui o dever de preencher uma lacuna na literatura brasileira de romances sobre a história não contada e construída por nossos ancestrais”, assim “contribuindo para a análise do protagonismo dos negros no processo de formação da nacionalidade brasileira” (Silva apud Cruz, 2016, p. 5).

Oliveira (2023) salienta em relação ao contexto político marcado pela ascensão de um governo resultante de um golpe parlamentar ainda permitia identificar, nos discursos oficiais, uma atenção à memória histórica e ao direito de representação de sujeitos que, por muito tempo, foram silenciados. Essa dimensão de reconhecimento se materializou nos cinco romances selecionados e premiados com publicação pela Fundação Cultural Palmares, os quais tinham como propósito central resgatar e repovoar a literatura com narrativas dedicadas à história do povo negro. Ao enfatizarem a resistência e a luta de uma coletividade marginalizada, essas obras também evidenciam a convergência entre a experiência negra e as batalhas travadas por outros grupos subalternizados. Em seu conjunto, projetam uma utopia que articula igualdade e liberdade como horizontes possíveis, vinculando-a à necessária reescrita de uma história sistematicamente apagada e obliterada.

O ano de 2018 representou um momento crítico na trajetória política do Brasil, marcado por uma sequência de acontecimentos que conduziram à ascensão, por meio do voto, de um grupo reacionário cujos discursos se sustentavam no negacionismo, no ódio, na intolerância e no racismo. Nesse cenário turbulento, a Fundação Cultural Palmares enfrentou profundas instabilidades, atingindo um período de grande desvirtuamento sob a presidência de Sergio Camargo, entre 2020 e 2022, cujas posições negacionistas provocaram impactos significativos na instituição. Com a chegada de Marco Antônio Evangelista à liderança da FCP, a Fundação buscou recompor seus caminhos.

Para Oliveira (2023) a história da publicação *Água de Barrela* se revela como um registro valioso das vicissitudes do recente processo democrático brasileiro, antes e depois do impeachment de Dilma Rousseff, e evidencia os desafios persistentes de se proteger e valorizar a memória e a cultura negras em meio a uma onda política autoritária, ultradireitista e de caráter fascista. A obra, portanto, não apenas documenta fatos, mas também emerge como testemunho de resistência e de afirmação da importância da preservação cultural diante de

adversidades históricas e políticas.

A carreira literária de Cruz, consolidada pelo sucesso de seu romance e pela atenção contínua de críticos e acadêmicos ao longo de sete anos, revela a força viva de suas histórias. Mais do que propor uma nova forma de escrever, suas narrativas constituem uma poética sensível, capaz de acolher vozes, lugares e experiências historicamente marginalizadas. Chamamos esse processo de “re povoamento literário”: trata-se da inserção de personagens, memórias, temporalidades e perspectivas diversas no espaço literário, promovendo um diálogo com as múltiplas dimensões da vida social, histórica e política. Essa poética se funda na repetição diferida, que não apenas reconstrói experiências passadas, mas também permite que novas leituras e interpretações emergjam, reconhecendo a complexidade das relações humanas e a riqueza dos contextos culturais e espaciais que atravessam as narrativas (Oliveira, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas ao longo deste artigo evidenciam a centralidade da literatura afro-brasileira como espaço de resistência e afirmação identitária. Por meio da análise das obras e do diálogo com a religiosidade afro-brasileira, torna-se possível compreender como narrativas literárias e culturais se entrelaçam para desconstruir estereótipos historicamente impostos, valorizando experiências e saberes de sujeitos historicamente marginalizados. A construção de personagens e a representação de práticas culturais demonstram que a literatura não apenas reflete a realidade social, mas atua como ferramenta de transformação simbólica e social.

Além disso, o estudo revela a importância da descolonização do imaginário e do discurso no campo literário e cultural. Ao considerar elementos da religiosidade afro-brasileira, como a presença de Exu no samba-enredo analisado, evidencia-se um ethos discursivo que reconstrói o sentido de pertencimento e resistência frente a narrativas dominantes. Este processo de valorização de referências afrodescendentes contribui para a desconstrução do binômio eu/outro, promovendo uma leitura crítica da história, da memória e da identidade cultural do Brasil.

Por fim, este trabalho reforça que a literatura afro-brasileira se configura como estratégia de luta contra a invisibilidade e a opressão, abrindo caminhos para uma educação e uma produção cultural mais plural e inclusiva. O diálogo entre literatura, cinema e religiosidade permite compreender a complexidade das experiências afro-brasileiras, consolidando a relevância de estudos que articulem crítica literária, história e práticas culturais. Assim, conclui-se que a valorização dessas expressões não apenas preserva saberes ancestrais, mas também promove o

reconhecimento e a afirmação de identidades historicamente silenciadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tarik Mateus Adão da Costa de; ANDREATTI, Gabriela Soares Nogueira. Escrivências da Pós-Colonialidade: Memória e Violência nos Becos da Memória, de Conceição Evaristo. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 16, n. 27, p. 226–243, 2020. DOI: 10.48075/rlhm.v16i27.24715. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/24715>. Acesso em: 11 set. 2025;

ALÓS, A. P. Negra, afro-brasileira, afrodescendente: a literatura de Zeli de Oliveira Barbosa. Confluente. **Rivista Di Studi Iberoamericani**, 15(2), 569–590, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/15115>. Acesso em: 07 agost. 2025;

APARECIDA, Luciany. Dados Biográficos Luciany Aparecida. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1877-luciany-aparecida>. Acesso em Set. de 2025;

APARECIDA, Luciany. **Mata Doce**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019;

ARAÚJO, Maria Paula. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011;

BARBOSA, Marcio. “**Questões sobre Literatura Negra**” in Reflexões sobre a Literatura Afro-Brasileira, Quilombhoje, São Paulo, Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, 1985;

BHABHA, Homi. **Of Mimicry and Men: The Ambivalence of Colonial Discourse**. October, v. 28, n. 1, p. 125-133, 1984;

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998;

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 07 de agost. de 2025;

CRUZ, Eliane Alves. Dados Biográficos Eliana Alves Cruz. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>. Acesso em 10 de set. de 2025;

CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2021;

CRUZ, Eliane Alves. **Água de barrela**. Apresentação de Eivaldo Oliveira da Silva. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2016;

CUTI. **Literatura negro-brasileira: uma poética da diáspora**. São Paulo: Ed. Selo Negro, 2000;

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010;

EVARISTO, Conceição. Dados Biográficos Conceição Evaristo. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em Set. de 2025;

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: entre vidas e escritos de mulheres negras**. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017;

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. Disponível em: <https://aladaainternacional.com/wp-content/uploads/Literatura-negra-uma-voz-quilombola-na-literatura-brasileira.pdf>. Acesso em: 10 de set. de 2025;

FERREIRA, Andrea Silva. **Identidade, resistência e afeto: representações decoloniais na literatura negro afetiva**. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/8993>. Acesso em: 15

de set. de 2025;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008;

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. In: **Educação e diversidade étnico-racial**: apostila do curso de formação de professores. MEC/SECAD, 2005;

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017;

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988;

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006;

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013;

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011;

LOPES, Nei. **Literatura negro-brasileira: uma poética da diáspora**. São Paulo: Selo Negro, 2000;

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012;

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004;

PASSOS, Luana. Poéticas de identidade e ancestralidade negra na literatura para crianças e jovens. São José do Rio Preto, 2024 343 p.: il., fotos. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/3bcc6af4-9f34-4f53-9841-99e93b6e1cbb>. Acesso em: 07 de agost. de 2025;

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**.

São Paulo: Planeta Editora, 2023;

OLIVEIRA, Paulo Cesar Silva de. Água de Barrela, de Eliana Alves Cruz: Por uma Poética de Repovoamento. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, n. 46, 2023. DOI: 10.12957/seminal.2023.78162. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/78162>. Acesso em: 11 set. 2025;

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2007;

RIBEIRO, Djamilá. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019;

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: Record, 2010;

RUFINO, Luiz. **Pedagogia da encruzilhada: saberes e práticas educativas em contextos afro-brasileiros**. São Paulo: Edufscar, 2018;

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007;

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina. Alves. **Mata doce, de Luciany Aparecida. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, (74), e7429. Universidade de Pernambuco (UPE), Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-40187429>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/ghB7BBk3XLTBYmZbMqcHYYm/?lang=pt>. Acesso em: 11 de set. de 2025;

XAVIER, Nara Rúbia Gomes Duarte. Reconstrução Identitária na Literatura Afro-Brasileira de Conceição Evaristo: Identity Reconstruction In The Afro-Brazilian Conceição Evaristo's Literature. **Travessias Interativas**, São Cristóvão-SE, v. 8, n. 16, p. pp. 230–244, 2018. DOI: 10.51951/ti.v8i16. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/10288>. Acesso em: 10 set. 2025.